



TERCEIRO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA (25/01/2004)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Neemias 8:2-10

O livro de Neemias faz parte de um conjunto de textos conhecidos como "*Obra Historiográfica Cronística*" que inclui os dois livros de Crônicas, Esdras e Neemias. Esta revisão histórica tem como fonte a "*Obra Historiográfica Deuteronomística*" (Js, Jz, 1 e 2 Sm e 1 e 2 Rs). No entanto, enquanto a primeira buscava o porquê do exílio babilônico, os cronistas buscam uma nova identidade ao redor do Templo e da Lei para os judeus que vivem sob o domínio persa em Jerusalém e proximidades.

Depois da derrota dos babilônicos pelo rei Ciro da Pérsia (visto como "messias" em Isaías 45:1) o novo império manda sucessivamente três funcionários para controlar o andamento dos projetos em Jerusalém. Primeiro foi Zorobabel (que apesar do nome bem mesopotâmico era descendente de Davi), cuja missão era executar a reconstrução do Templo de Jerusalém decretada por Ciro (Esd 1:2-4) e que também é chamado de "messias" pelo profeta Ageu (Ag 2,23). Quase cem anos depois o Imperador Persa Dario I envia dois funcionários: Esdras (que carrega consigo uma nova versão da lei judaica aprovada pelo imperador e harmonizada com o direito persa) e Neemias (que chega para botar ordem social e administrativa no território). Tudo mostra que os Persas compreendiam que cada povo devia ser submetido de uma forma própria a partir das suas características culturais e religiosas e por isso sempre enviaram funcionários judeus para tratar dos judeus.

No texto deste domingo Neemias descreve a tarefa executada por Esdras na consolidação da nova ordem legal mostrando assim que ambos trabalharam de forma coordenada. No texto a equipe encarregada de implantar a nova ordem pró-persa era composta de Neemias como governador, Esdras como sacerdote e escriba e os levitas (sacerdotes treinados por Esdras) como divulgadores (Ne 8:9a). O texto da Lei era lido e interpretado, isto é, "pregado" ao povo como o caminho da salvação. Deus enviara estes homens para, através deles, garantir para sempre a segurança do povo antes ameaçado pela sua infidelidade a Deus (Ne 8:6-8). Segunda conta o texto o povo acreditou neles e arrependido de sua ignorância da lei e emocionado com as promessas da lei se emocionava e chorava (Ne 8:9b).

Desta prática surgirá a religião legalista farisaica criticada duramente por Jesus (Mt 23). Enquanto Esdras e Neemias se esforçaram em fazer o povo obedecer. Jesus vive, morre e ressuscita para o libertar (Lc 4:18-19). Toda pregação quando bem apresentada atrai as multidões e as emociona mesmo



que as escravize completamente. Enquanto Esdras e Neemias eram recebidos com lágrimas de arrependimento Jesus tinha que fugir para não ser morto (Lc 4:29). (Humberto Maiztegui Gonçalves)

2ª leitura (Epístola) - 1 Coríntios 12.12-27

Qualquer definição básica de metáfora dirá que ela é, por exemplo, um tropo em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra em virtude de certa relação de semelhança. Na Bíblia aparecem muitas metáforas. E muitas delas são cheias de significado. O povo de Deus, desde o Antigo Testamento, por exemplo, sempre foi comparado com uma árvore, com uma noiva, etc. Mas uma das metáforas mais interessantes que são citadas na Bíblia é a metáfora do corpo.

No texto que acabamos de ler Paulo usa esta metáfora para ensinar muitas verdades acerca da Igreja. A metáfora do corpo nos lembra, pelo menos três grandes verdades.

Em primeiro lugar, a metáfora do corpo nos fala de sua organicidade. Um corpo é um organismo vivo. Cada parte do corpo é importante. Quando uma parte do corpo sofre a outra também sofre. Todas as partes do corpo estão interconectadas justamente porque formamos um organismo. Há uma organicidade que nos envolve. Isto significa que quando uma parte do Corpo de Cristo adocece todo o corpo sofre as conseqüências. Da mesma forma que, quando em uma família, alguma coisa vai mal com o Pai todos os filhos sofrem, da mesma forma, quando, na Igreja, alguma coisa vai mal com um dos membros, todos sentimos. Por isso choramos com os que choram e rimos com os que se alegram.

Em segundo lugar, a metáfora do corpo nos fala de sua saúde. Um corpo pode ser saudável ou doente. Isto significa que ele será feio ou bonito. Para os gregos antigos, havia uma íntima relação entre a estética e a saúde. Um corpo saudável era bonito, bem tratado, enquanto um corpo adoecido era feio. Desta forma vemos que é importante buscarmos uma espécie de "estética da existência" (Foucault) para nossas comunidades. Elas precisam desenvolver uma espécie de "beleza", não apenas exteriormente, mas também interiormente. Nossas interrelações precisam ser marcadas por uma beleza que nos impulse e nos inspire. Devemos lembrar que em um mundo pós-moderno, é a "beleza que salvará o mundo". As pessoas precisam sentir prazer em sua relação com a comunidade porque isto as torna melhores, mais bonitas em suas vidas e em seus relacionamentos. Quando isso ocorrer muitos daqueles maridos ou esposas chatos/as, que antes reclamavam de ver seu



cônjuge indo tanto a igreja, vão passar a incentivar. Ela será uma comunidade que fará se seus membros pessoas mais bonitas.

Em terceiro lugar, a metáfora do corpo nos fala de sua funcionalidade. Um corpo, quando funciona organicamente bem e saudável, é um corpo em que todas as suas partes cumprem seu papel. Cumprir seu papel é trabalhar conforme a programação biológica que recebeu. Sabemos que todos os membros do corpo de Cristo possui um dom, uma função, que tem como alvo a edificação mútua. Quanto nos apercebermos disso e começarmos a exercer nosso papel o corpo funcionará perfeitamente. Haverá funcionalidade plena, beleza e organicidade. Não importa se somos pés, ou mãos, no corpo de Cristo, o que importa é que todos devemos reconhecer que fazemos parte do corpo (v. 20) e que temos uma função (v.22).

Que o cabeça do corpo nos ilumine e nos guie até descobirmos nossos dons e até que os coloquemos a serviço de toda a Igreja. (Jorge Aquino)

Santo Evangelho - Lucas 4.14-21

Cada evangelista contou a vida de Jesus destacando o que era mais importante para a comunidade à qual ele pertencia e para os destinatários de sua narrativa. Vimos no domingo passado, que o evangelho joanino destaca que o ministério de Jesus se inicia com uma primeira aparição pública num casamento. Lucas, porém, informa que a primeira aparição pública de Jesus se dá na própria cidade onde ele crescera – Nazaré. Ali, entre os seus, é que Jesus começa a “evangelizar”. Todos sabemos que a palavra “evangelho” significa “boa notícia”. Trata-se, então do anúncio de um acontecimento fora do comum, que suscita a esperança, oferece a oportunidade de um novo começo e aponta para melhorias na vida. Lucas, que escreve para uma comunidade mista (formada por cristãos oriundos do mundo judaico e do mundo gentílico) apresenta de modo magistral o conteúdo programático da boa-notícia de Jesus.

4.14 – É importante destacar que tudo o que Jesus realiza e ensina, ele o faz “no poder do Espírito”. Isso é fundamental para Lucas, que destaca a obra do Espírito desde o nascimento de Jesus, a acentua no episódio do seu batismo e conta a história da Igreja Primitiva no livro de Atos também destacando várias vezes o Espírito Santo. De fato, sem o poder e a inspiração do Espírito Santo, nenhum método evangelístico será eficaz.

4.15 – descrição sucinta da principal atividade de Jesus inicialmente – ensinar (□□□□□□□). Trata-se de uma explicação das escrituras.

4.16-17 – Nazaré é a primeira cidade a ouvir a boa notícia ensinada por Jesus e também a primeira a resistir a ela. É representativa do povo que



rejeita a boa-notícia ; “segundo seu costume” – Lucas apresenta Jesus como um judeu piedoso, freqüentador ativo das sinagogas. Observe que Lucas é bastante detalhista nos verbos – Jesus “entrou”, “levantou-se para ler”, “abriu o livro”, “achou o lugar”... “fechou o livro”, “devolveu-o”, “sentou-se”.

4.18 - A primeira frase de Jesus em seu ministério lucano é uma citação das escrituras. E a primeira palavra direta que ouvimos do Jesus adulto é “hoje”. O eschaton começou. A citação é de Isaías 61.1 e mostra os destinatários iniciais da boa notícia – os pobres, o povo empobrecido materialmente e que também perdeu a liberdade (prisão) e a capacidade de enxergar a realidade de forma crítica (cegueira). Os pobres são os destinatários preferenciais da evangelização porque não têm onde se esconder e ninguém é por eles, exceto Deus.

4.19 – Observemos a liberdade com que o Jesus lucano cita as escrituras. Ele começa citando Is 61.1, mas omite a segunda parte do versículo 2, onde se fala no “dia da vingança do nosso Deus”. A referência vai somente até “o ano aceitável do Senhor” (o ano do Jubileu, de perdão irrestrito e chance de recomeço para todos). A hermenêutica de Jesus era deliberadamente seletiva – importava-lhe os conteúdos libertadores das Escrituras;

4.21 – “Hoje se cumpriu” – Jesus agora atualiza a “boa notícia”. O Evangelho não é simplesmente anúncio de algo que aconteceu no passado, mas que se historiciza e acontece “hoje”. Toda expectativa messiânica começa a se tornar historicamente reconhecível em Jesus. O verdadeiro Messias libertador chegou. Jesus se identifica com o ungido prometido por Deus e anuncia o início de uma nova situação para o povo.

Freqüentemente falamos na Igreja da necessidade de evangelizar e hoje em dia há uma grande oferta de “métodos evangelísticos” de todos os tipos com a promessa de crescimento explosivo da Igreja. Porém, no texto de hoje, Jesus nos mostra com bastante singeleza o que realmente importa na evangelização: (a) buscar o poder do Espírito Santo; b) começar a partir de onde o povo se reúne (naquele caso, as sinagogas); c) partir das promessas libertadoras contidas nas Escrituras Sagradas; d) utilizar as escrituras a partir de uma hermenêutica libertadora; e) atualizar a mensagem – o Evangelho é para “hoje”, não é somente a adesão a uma história do passado nem uma vaga esperança do céu, mas a historicização do amor libertador de Deus; f) lembrar-se que não pode haver notícia melhor para um pobre do que o fim de sua miséria e da angústia. Isso, realmente é “boa nova” (Carlos Eduardo Calvani)